

- Pinheiro, Susana Marta Delgado. “Religião, sociedade e vintismo no Jornal Astro da Lusitânia”. *Lusitania Sacra* 16 (2004): 345-358.
- Rafael, Gina Guedes e Manuela Santos coord. e org. *Jornais e Revistas Portugueses do século XX*. Lisboa: BNP, 1998-2002.
- Ramos, Rui. “Antiçamonismo”. Em *Dança dos Demónios – Intolerância em Portugal*. Organizado por António Marujo e José Eduardo Franco. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.
- Santos, Fernanda y José Eduardo Franco. “A insustentável leveza das fronteiras: Clero Católico na Maçonaria e a questão do Anticlericalismo e do Antimaçonismo em Portugal”. *REHMLAC* 2, no. 2 (diciembre 2010-abril 2011), 53-65, <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/6596/6287>
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal – O Despotismo Iluminado (1750-1807)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1981.
- Soriano, Simão José da Luz. *História da Guerra Civile do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1871.
- Tarantino, Giovanni. “The Mysteries of Popery Unveiled: Affective Language in John Coustos’ and Anthony Gavín’s Accounts of the Inquisition”. Em *Spaces for Feeling: Emotions and Sociabilities in Britain, 1650-1850*. Editado por Susan, Broomhall. London: Routledge, 2015.

Anexo

Explicação da Maçonaria aos Recém-recebidos.

Arquivo da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Mç. 28, Processo 8614.

PT-TT-TSO-IL-28-8614_m0017 a 0019. () /img. 17 - p. 9/

Explicação da Maçonaria aos Recém Recebidos.

Quem tal diria, Mações, que Vós Venhais achar uma Sociedade de honrae de Virtude! Esta Sociedade tão Antiga como os Homens tem sido olhada pelos mesmos homens com olhos fascinantes applicando-lhe ideias umas exóticas, outras criminosas todas aéreas, e poucas Verdadeiras.

Eu não pretendo fazer-vos um Discurso pomposo na vossa augusta recepção: entre nós reina sempre a simplicidade e moderação: unicamente vou expor-vos as vossas obrigações que acabais de Contrair. E a primeira é aquela imposta a todo o homem, de conservar um coração incorrupto, apartado dos vícios, despido das funestas paixões e honrado das virtudes que inspira a razão e a Humanidade. Isto significa a vossa entrada despido de todos os metais, que significam os vícios: meios nus, meios vestidos. Nus dos vícios, vestidos só das Virtudes. A segunda uma particular obediência e fidelidade ao Rei e à Pátria segundo o legítimo poder e governo a que fôreis sujeitos.

Esta é a honrada e impreterível obrigação do Mação, pois que ele é pela sua profissão um homem de caridade, de união e de Virtude Social, que sem obediência ao poder soberano do Príncipe não seria mais que um rebelde, insocial e um cismático da união e da verdadeira Maçonaria, que só quer união, caridade, paz e obediência legítima. A terceira obrigação é de socorrer os vossos irmãos nas suas necessidades irmãos que vos forem conhecidos por um exame maduro e exato.

E é por isto que contraístes a quarta obrigação de não revelar o vosso segredo, que consiste nos sinais, palavras e toques que se vos têm ensinado; porquanto, revelados eles, nos veríamos inundados de infinitos irmãos apócrifos e necessitados, e viria uma sociedade, tão virtuosa e útil, a desvanecer-se e aprofanar-se.

Vedes aqui em suma o que é ser Mação. Vedes aqui o que viestes achar. Vedes /img. 18 - p. 10/ aqui os nossos segredos. E se vós tendes outras ideias desta augusta sociedade, conheci agora que é que é o mundo e o que é o povo, sempre ansioso de saber o que ignora, aplica tudo o que há de mais extravagante ao objeto que não conhece.

Entre nós o que há mais agradável, além de contar com tantos Irmãos, quantos mações, é a igualdade que se observa e que se simboliza no nível. Luiz 14, Frederico e Garganelli tinham entre nós o mesmo lugar que qualquer outro. À mesa tinham a mesma obediência, cantavam, se os mandavam, e bebiam à saúde que se lhe propunha com a mesma alegria, sem soberania, nem distinção. Todos somos iguais. E como entre nós é acautelado e mesmo proibido tratar de matérias que não sejam puramente maçónicas, e menos de Religião, ou de Estado; esta a razão porque reconhecemos por irmãos quaisquer mações do mundo, contanto que não sejam ateus; porque estes, se é que os pode haver, não poderão entrar em sociedade de virtudes como esta, pois não podem ser fieis, nem ter caridade, nem sistema algum social e da Humanidade. Eles não podem jurar por um Deus em que não creem; não podem por isso mesmo ter obediência ao Príncipe que tem o poder de Deus; e não podem finalmente figurar na sociedade senão a imagem de um contraditório. Outro qualquer homem, porém, pode entrar na nossa sociedade. Contanto que ele pratique as obrigações dela, que como acabais de ouvir são comuns a todos os homens de qualquer Estado, ou Religião que sejam. E em breve vos tenho dito tudo o essencial da Maçonaria. Deresto tudo são acidentes, degraus e significações que embelezam, /img. 19 - p. 11/ mas que não mudam a substância. Por isso ouvireis falar do grau de Mestre, Companheiro, *etc.*, que não são mais que adições de mais brilhante ornato e distinção e que alguns factos célebres da história lhe deram origem, mas que tudo recai em ser o Mação um homem honrado e verdadeiro irmão dos seus irmãos.

Dice.

Orador da Loge.